

## Entre plantas e purgantes: as terapêuticas mais utilizadas pelo médico João Curvo Semedo nos diagnósticos das “doenças mentais”

*Between plants and purgatives: the most used therapies by Doctor João Curvo Semedo in diagnosing “mental illnesses”*

**Carolina da Palma Fernandes** | Universidade Federal do Amazonas

[ca.fernandes.hist22@gmail.com](mailto:ca.fernandes.hist22@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0001-1045-8272>

**RESUMO** Nas últimas décadas temos observado o dinamismo dos estudos acerca da história da medicina, nos quais a preocupação não está mais unicamente vinculada a mostrar seus avanços institucionais, mas em estudar aspectos culturais, econômicos e sociais. Por meio de escritos e documentos médicos podemos observar e descrever como um corpo social, por vezes temporalmente distante da contemporaneidade, se comportava, e até mesmo identificar quais eram as condutas sociais vigentes no período considerado. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar o que a medicina lusa no final do século XVII e início do XVIII – aqui apresentada nos tratados *Polyanthea medicinal* (1697), *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) e *Observações médicas doutriniais de cem casos gravíssimos* (1707), de João Curvo Semedo –, entendia a respeito de doenças envolvendo a mente e o comportamento humano, identificando esses processos por meio dos tratamentos dados aos pacientes.

**Palavras-chave** tratamentos para doenças mentais – medicina portuguesa – curas químicas e galênicas.

**ABSTRACT** *In recent decades, we have observed a dynamic growth in studies on the history of medicine, in which the focus is no longer solely on showcasing institutional advances, but also on studying cultural, economic, and social aspects. Through medical writings and documents, we can observe and describe how a social body, sometimes temporally distant from the contemporary world, behaved, and even identify what social behaviors were prevalent during the period in question. Thus, this study aims to analyze Portuguese medicine in the late 17th and early 18th centuries – presented here in the treatises *Polyanthea medicinal* (1697), *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) and *Observações médicas doutriniais de cem casos gravíssimos* (1707), by João Curvo Semedo – understood about diseases involving the mind and human behavior, identifying these processes through the treatments given to patients.*

**Keywords** *treatments for mental illnesses – Portuguese medicine – chemical and Galenic cures.*

## Introdução

É notório que as possibilidades de pensar a história da medicina, as doenças que acometiam uma sociedade e o tratamento oferecido a sua população estão ganhando destaque em trabalhos de historiadores. Esses pesquisadores procuram privilegiar, por exemplo, as imbricações culturais e sociais que permeavam a atenção que os médicos licenciados, nos séculos XVII e XVIII, dedicavam aos seus pacientes e como essa ação sinaliza o universo plural dessas práticas. Assim, nas últimas décadas, observamos o dinamismo de estudos sobre a história da medicina, em que a preocupação não está mais exclusivamente em mostrar seus avanços institucionais, mas também em estudar aspectos culturais, econômicos e sociais.

Nesse contexto, a noção de revolução científica e de progresso linear que esta proporcionou à Europa e, conseqüentemente, à medicina ocidental, é questionada pelos historiadores (Shapin, 1996), que passam a dar ênfase não mais ao debate entre medicina moderna e medicina antiga, mas à diversidade de tratamentos que os médicos oferecem aos enfermos e às particularidades do contexto social de cada lugar, na tentativa de compreender a práxis médica. Não se trata, portanto, de negar as inovações e descobertas proporcionadas pelas medicinas modernas (iatrofísica e iatroquímica) e as diferenças entre essas e a medicina baseada nos escritos de Hipócrates, Galeno e Avicena, mas de pensá-las a partir de um recorte social, privilegiando as especificidades dele, neste caso, em Portugal.

A título de exemplo, a ciência médica moderna, como a iatroquímica, teve sua utilização de forma tímida no país lusitano, ora aparecendo como composto principal para a cura das enfermidades, ora como complemento, cuja dependência estava associada ao destino de sua composição, isto é, à enfermidade para a qual estava sendo designada. Por meio de escritos e documentos médicos podemos observar e descrever como um corpo social, por vezes temporariamente distante da contemporaneidade, se comportava, e até mesmo identificar quais eram as condutas sociais vigentes no período considerado.

Condicionada pelos novos ares da historiografia, que convidam a pensar o *status* da “Revolução Científica” e a oposição entre moderno e antigo, as doenças e suas formas de cura ganham a atenção dos pesquisadores, que busca analisá-las a partir de seu universo social e político, demonstrando que a aceitação ou a negação de uma teoria ou prática não estava desvinculada dos interesses político-sociais de cada lugar.

É perceptível que as relações de troca influenciam a compreensão acerca das doenças, seus diagnósticos e tratamentos, permitindo observar ao longo dos séculos como se deu o desenvolvimento de algumas afecções. A respeito da loucura, que mais tarde será classificada como doença mental, sendo assim considerada uma patologia orgânica do cérebro (Santa Clara, 2009), é possível localizá-la em diversos períodos históricos, verificando as diferenças nos diagnósticos e tratamentos, que estavam sob cuidados de médicos, curandeiros e religiosos, cada qual colocando sobre a afecção as suas ideias, as quais refletem a sua própria sociedade. É importante destacar que a pluralidade das formas de cura e as diferentes interpretações sobre a própria doença não estão necessariamente relacionadas à criação da doença em si dentro dessas cosmovisões. A doença existe por si só, mas as formas de “cura” variam amplamente quando se comparam diferentes períodos históricos.

À luz do que foi mencionado, este artigo tem como objetivo investigar, por meio da medicina praticada em Portugal no final do século XVII e início do XVIII, as propostas terapêuticas como possibilidades de cura para indivíduos que apresentavam sintomas de perturbações mentais nos tratados *Polyanthea medicinal* (1697), *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) e *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos* (1707), de João Curvo Semedo (1635-1719).

Ademais, esta análise considera o contexto de transição entre os séculos, o ensino ministrado na Universidade de Coimbra e o modo como os métodos de cura são reflexos dessas modificações. Vale destacar que este estudo se baseia em tratados escritos por um médico licenciado, evidenciando, contudo, as referências a diversas práticas de cura em suas obras. Ressalta-se ainda que o objetivo não é comparar os tratamentos elencados nesses trabalhos com aqueles aplicados em períodos posteriores, mas compreender essas afecções dentro de seu contexto histórico. Cabe, portanto, ao leitor refletir sobre os temas apresentados e estabelecer conexões entre passado e presente.

## O contexto médico de João Curvo Semedo

É possível verificar que o surgimento da iatroquímica faz a ciência médica no período moderno, não só em Portugal, mas noutros lugares do mundo, ganhar verdadeiras mudanças. Em vista disso, a transição que se dá entre os séculos XVII e XVIII modifica as estruturas paradigmáticas da medicina e farmácia. Em decorrência da difusão iatroquímica, vinda das ideias alquímicas de Paracelso (1493-1541),<sup>1</sup> a farmácia galênica passa a receber críticas com relação a sua forma de entender o funcionamento do corpo humano e aos tipos de terapêuticas utilizadas, muitas vezes apontadas como ineficientes para a cura de algumas doenças.

No que se refere à terapêutica hipocrática-galênica, sua essência está na teoria dos humores, que se constituem de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Cada humor corresponde a uma das quatro estações, predominando naquela com a qual compartilha a mesma natureza. Em virtude disso, nessa teoria, o corpo humano que tinha por característica destacada o sangue, quente e úmido, predominava na primavera; a bile amarela, quente e seca, predominava no verão; a bile negra, fria e seca, era predominante no outono; e por fim, a fleuma, fria e úmida, predominava no inverno (Rodrigues, 2020, p. 115). Sendo assim, a terapia baseada nos médicos clássicos, Hipócrates e Galeno, composta de sangrias e purgantes, tinha como objetivo recuperar o equilíbrio humoral.

A iatroquímica, por sua vez, tencionava entender “o funcionamento do corpo humano a partir do auxílio das análises químicas” (Lourenço, 2016, p. 20). Com a observação da urina, do ar, dos alimentos e bebidas, os diagnósticos poderiam ser fornecidos com base na compreensão dos processos do próprio organismo. No campo farmacêutico, as experiências utilizando plantas e minerais originavam novas práticas de cura (Freitas, 2021, p. 7). A disponibilização,

1 Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais conhecido como Paracelso, foi um médico, alquimista e filósofo suíço. Paracelso foi forte defensor do uso da química nos tratamentos das doenças, privilegiando a experimentação, isto é, a manipulação de substâncias para a fabricação de medicamentos, enfatizando o valor da observação. Para o médico, o princípio da alquimia estava dividido em três substâncias: o mercúrio, o enxofre e o sal, representando respectivamente o espírito, a alma e o corpo.

para os médicos, de antimônio, mercúrio, chumbo e sais diversos, bem como a produção de águas curativas, de preparados salinos e ácidos (Lourenço, 2016, p. 20-14), acompanhadas das destilações que extraíam a essência necessária de produtos que já eram utilizados no campo farmacêutico, eliminando as partes desnecessárias e as “impurezas” – o que resultava em substâncias concentradas e com maior efeito (Palmesi, 2014, p. 87) –, forneceram aos médicos modernos, em especial ao médico abordado neste trabalho, uma diversidade de métodos curativos.

No cenário português, a introdução da química se deu de forma gradual. De modo geral, é possível verificar ao longo da história médica do país que existiram razões específicas para essa entrada gradativa. Com relação à negação à farmácia química, ela pode ser entendida por dois fatores: o primeiro está ligado às disputas de espaços entre os médicos portugueses e os médicos estrangeiros, como assinala Sousa Dias ao tratar das críticas feitas pelo médico Francisco Morato Roma, que se mostrava indignado com os estrangeiros que estavam espalhando curas tendo como base a química, a saber: os pós de antimônio e de mercúrio (Dias, 2007, p. 20). Na ocasião, o médico declara que os remédios eram venenosos para a população e escreve, em tom de denúncia, que esses “forasteiros” e “embusteiros” enganam “não só o povo, mas aos magnates que os consentem e abonam” (Roma, 1664 *apud* Dias, 2007, p. 20). Além da disputa supracitada, constata-se a dificuldade por parte desses médicos em aceitarem novas práticas e teorias, indo contra aquelas que lhes foram ensinadas, o que, para Souza Dias, caracterizaria uma “natural relutância” (Dias, 2007, p. 20).

O segundo fator está relacionado à influência inquisitorial do Santo Ofício que impossibilitou, de maneira dissuasora e indireta, a circulação da medicina moderna, suas obras e seus seguidores. Para Igreja, a química estava intimamente associada com a alquimia, artes mágicas e cabalísticas, portanto, práticas que não estavam nos padrões vigentes do período (Lourenço, 2016, p. 25). Nesse âmbito estavam as suspeitas da Igreja com relação a Paracelso, o que levou suas obras a serem incluídas no rol de livros proibidos pela Inquisição (Dias, 2007, p. 21). Essa atmosfera de medo e de receio fez com que muitos médicos não se adaptassem ou, pelo menos, não adquirissem leituras a respeito dos novos mecanismos de curas. Além do mais, pelo fato de Paracelso não ser benquisto pela Igreja, a possibilidade desses profissionais serem julgados como alquimistas também corroborava na recusa da utilização da química (Dias, 2007, p. 21).

Nesse contexto, a medicina regida na Universidade de Coimbra dava-se apenas por meio das leituras dos clássicos de Galeno, Hipócrates e Avicena, sendo o ensino dominado pelos princípios aristotélicos e pela tradição escolástica, cujo fundamento estava nos escritos de Tomás de Aquino. Dessa forma, “esses autores e os comentários de suas obras eram obrigatórios nos cursos, submetidos a uma concepção sacral e teológica do saber” (Abreu, 2007, p. 150). Segundo José Pedro Sousa Dias, até 1772, os estudantes de medicina eram treinados para recusar quaisquer teorias que não estivessem de acordo com os textos aristotélicos que eram expostos por meio da obra *Commentarii Collegii Conimbriences Societatis Jesu*, o que ocorria não só em Portugal, mas também em outros países (Dias, 2007, p. 18). Por mais que o ensino médico em Coimbra ocorresse sob leituras dos cânones clássicos, as práticas médicas baseadas na química estavam constantemente sendo utilizadas por médicos portugueses, sobretudo nos tratados de João Curvo Semedo.

Esse médico nasceu em Monforte, em 1 de dezembro de 1635, e faleceu em Lisboa, em 26 de novembro de 1719. Seus estudos iniciais foram realizados em Lisboa, no Colégio de Santo

Antão, e na Universidade de Coimbra graduou-se em medicina (Barroso, 2004). Articulando tradições médicas distintas, lançando mão de autores clássicos, mas não deixando de citar novos, Curvo Semedo chama atenção por utilizar-se, em seus trabalhos, tanto da medicina hipocrática-galênica quanto da iatroquímica (Edler, 2006; Freitas, 2021) como formas complementares de compreensão do corpo humano, da sua saúde e dos processos de curas (Almeida, 2012).

José Pedro Sousa Dias, em sua tese *Droguista, boticários e segredistas* (2007), fez um estudo acerca da árvore genealógica do médico e, mais que isso, aborda em seu trabalho as contribuições de Curvo Semedo para a sociedade portuguesa. De acordo com o autor, ainda que o médico tenha herdado o “defeito mecânico”<sup>2</sup> de seus pais, Semedo conseguiu entrar na Ordem de Cristo, recebendo uma mercê por seis anos da fortaleza do Morro de Chaúl (Dias, 2007, p. 46). O seu trabalho para diversos estratos sociais, atendendo desde nobres, mecânicos – indivíduos que trabalhavam de forma manual, como carpinteiros e sapateiros –, até conventos, corrobora para enfatizar sua popularidade no contexto português (Santos, 2005, p. 52).

Além da sua profissão bem colocada, chamo atenção para mais dois fatores que podem ter contribuído para o médico ocupar um lugar na Ordem de Cristo. O primeiro diz respeito à pureza de sangue, condição que constava no quadro de exigências do Regime Português, praticado por intermédio da instauração da Inquisição. A pureza de sangue implicava em não ter ascendência judaica ou moura, caso contrário, o indivíduo encontraria dificuldades para entrar nas universidades e ascender econômica e profissionalmente (Lourenço, 2016, p. 62-65). Semedo, por não dispor de tais ascendências, era considerado cristão-velho,<sup>3</sup> o que facilitou seu acesso a atividades no campo médico e intelectual.

Em segundo lugar, Curvo Semedo carregava consigo contatos com parentes afastados ou próximos com influência no campo religioso e médico-farmacêutico. Por exemplo, o seu cunhado – irmão da sua segunda esposa – o frei Manuel Guilherme (1658-1730), dominicano, professor de teologia moral e pregador do Santo Ofício. Ou a sua sobrinha, dona Teresa, que se casou com o dr. José de Pina Coutinho, filho do cirurgião-mor do reino, o dr. Manuel Pina Coutinho (f. 1715) e, por fim, o médico era primo direto da avó materna de João Gomes Silveira, que atuava como representante dos segredos curvianos e boticário da Casa Real (Dias, 2007, p.47). Vê-se então que o médico estava bem amparado com base nas suas relações familiares, o que acabava por superar a atuação do seu pai em trabalhos considerados menos honrosos, e do avô e sendo um exemplo para demonstrar que havia certa flexibilidade – que não estava disponível a todos – nas normas do Antigo Regime.

Autor de diversos tratados e escritos médicos, sendo *Polianteia medicinal, noticias galênicas e chymicas repartidas em três tratados* (1697); *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) e *Observações médicas doutrinais de cem casos gravíssimos* (1707), as obras que permitem

2 No tocante ao “defeito mecânico” explicitado, faz-se pertinente abordar que no Portugal moderno, onde a sociedade estava calcada no estamento e na hierarquia social, trabalhar manualmente significava pertencer a uma estirpe social inferior. Sendo assim, atividades que exigiam esforço braçal, tais como os ofícios de mecânico, ferreiro, artesãos e até mesmo ser dono de loja, incluíam-se no rol de trabalhos considerados de menor qualidade. Com base nisso, quando Sousa Dias aponta que Curvo Semedo havia herdado o defeito mecânico, ele está referindo-se ao fato do avô de Curvo Semedo ter exercido em Monfort a atividade de ferrador e de seu pai que, chegando em Lisboa, instalou na Ribeira uma loja de ferro.

3 Termo utilizado para cristãos que não possuem antepassados judeus, pois se tivessem seriam chamados de cristãos-novos, isto é, judeus batizados.

observar suas experiências como profissional da saúde em relação ao trato com seus pacientes, o manuseio dos medicamentos, assim como o uso significativo de plantas brasileiras (Silva Filho, 2021), tornando-se referência para outras obras, como o *Erário mineral* (1735) do cirurgião Luís Gomes Ferreira (Wissenbach, 2002, p. 128). Seus tratados contribuem de maneira significativa para o estudo do pensamento médico barroco português, pois destacam a dinâmica médica e social do país, permitindo observar em suas páginas como se dava o intercâmbio entre as práticas químicas e galênicas:

Não sou tão obstinado sequaz da Escola Hermetica, que não preze muito de ser discípulo da Hipocrática: nem quando louvo os remédios químicos, deixo de conhecer se devem grandes aplausos aos galênicos. Prova seja desta verdade a seguinte cura que fiz, valendo-me dos remédios, e conselhos de uma e outra escola (Semedo, 1707, p. 20).

O trecho mencionado, retirado do tratado *Observações médicas doutriniais de cem casos gravíssimos* (1707), traz à tona o que estava acontecendo no cenário médico português, e que diz respeito ao uso gradual de compostos químicos no fabrico de remédios, mas sem deixar de lado os preceitos de Hipócrates e Galeno, o que evidencia nas curas de João Curvo Semedo a conciliação de tradições distintas. Entretanto, apesar do médico usar tais compostos nos seus remédios, não é seguro dizer que o mesmo era um iatroquímico (Dias, 2007, p.52), pois a farmácia química aparece em suas curas como um adendo aos seus medicamentos e não como a base principal. Até momento da citação acima, o médico apenas menciona a adesão às duas teorias, porém, mais à frente fica mais evidente o hibridismo exposto na passagem, quando Semedo narra o processo de cura em dona Cecília Maria de Meneses, no qual utilizou remédios de origem metálica, justificando que esses não são alterados e nem destruídos no organismo.

Frutos do seu tempo, os seus tratados são marcados por uma medicina em transformação. Ademais, vale destacar que as áreas destinadas ao tratamento de problemas psíquicos – como psiquiatria, psicologia e psicanálise – ainda não existiam. No entanto, a presença de pessoas com queixas relacionadas a essas afecções aparece nas páginas dos tratados, uma vez que há uma tentativa por parte dos médicos de tratá-las. Trata-se de médicos comuns, isto é, estudiosos da sua área, mas que não tinham como foco principal entender a psique humana nos moldes que serão desenvolvidos posteriormente e utilizavam os remédios que estavam à disposição.

Em Portugal, como mencionado, o ensino da medicina não correspondia à realidade das práticas médicas, pois os profissionais estavam sujeitos a diversas interpretações que envolviam desde as teorias médicas que chegavam ao país – respectivamente a química e a física – até os princípios religiosos que ainda norteavam a sociedade. A religião desempenhava dois papéis: um como causador da doença, vista como um castigo divino, e outro como responsável por curas que estavam além do alcance da medicina. No período medieval, esses eram diagnósticos bastante comuns para as afecções, algo que ainda pode ser observado no período moderno, como será discutido.

O médico João Curvo Semedo, no seu tratado *Polianteia medicinal* (1697), em uma passagem destinada à cura da peste, afirma que o maior e “mais seguro preservativo e curativo da peste são as confissões com verdadeiro arrependimento das culpas, as orações, os jejuns, as penitências e recorrer a Deus” (Semedo, 1697, p. 522). Esse trecho confirma que Semedo não desvinculava a crença à qual pertencia de seu trabalho como médico, e ainda atribuía as

maiores e mais confiáveis curas à sua religião, pressupondo que a medicina, como ciência dos homens, não exercia efeitos tão eficazes quanto os divinos. Em relação às doenças mentais, as orientações não são diferentes das expostas na citação, salvo quando era sugerido algum diagnóstico ou tratamento.

## Diagnosticando e tratando as “doenças mentais” no Portugal moderno

Os diagnósticos das instabilidades mentais aqui apresentados estão relacionados às teorias médicas e, portanto, são patologias que requerem tratamentos específicos. No galenismo, a melancolia era associada ao excesso de bÍlis negra. Contudo, apesar do conhecimento prévio sobre essa enfermidade, ainda havia certa nebulosidade em relação aos cuidados destinados aos indivíduos que sofriam dessa condição, o que dificultava a definição de tratamentos. Durante a pesquisa, detectamos alguns temas que foram frequentemente abordados nos tratados médicos, tais como sonhos, pesadelos, mania, melancolia hipocondríaca, imaginação e cérebro ferido ou enfraquecido. Definir com precisão e enquadrar como tais processos ocorriam pode ser considerado equivocado, já que os próprios médicos do período desconheciam a origem dessas doenças e demonstravam dificuldades para tratar dos enfermos.

No tratado *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos* (1707), Curvo Semedo chama atenção para o impasse que era categorizar e identificar o que os pacientes tinham. Semedo expõe o caso de uma mulher chamada Maria Manoel, que estava padecendo de dores no ventre, estômago, ânsias no coração, “fatuidades” no juízo, tremores, movimentos convulsivos nervosos e alterações nos pulsos.

Ao se deparar com tais sintomas, Curvo Semedo relata que inúmeras tentativas de cura foram aplicadas: “todas as artes, trabucos, machinas, batarias, & quantos petrechos tem inventado o engenho dos homens para render a ferocidade de tão poderosos inimigos; mas tudo sem alívio; porque as dores, sem ter respeito a coisa alguma, aumentarão cada vez mais a sua crueldade” (Semedo, 1707, p. 95). Entretanto, ao constatar o insucesso tanto dos médicos que o antecederam quanto de suas próprias intervenções, Semedo sugere que a causa da doença poderia residir em uma “interpretação exótica e desconhecida”, evidenciando que a própria medicina e seus praticantes não possuíam respostas para todos os males:

Não há ciência, que tanto necessite de um artífice muito acatelado, e prudente, como a Medicina; porque acontece cada dia serem chamados alguns Médicos para curar doenças, cujas causas são tão ocultas, & dificultosas de conhecer, que é necessário adivinhar (Semedo, 1707, p. 95).

Como visto nos trechos mencionados, o médico aborda, em primeiro lugar, a dificuldade que os próprios médicos enfrentavam em identificar as sensações e os sintomas relatados por seus pacientes. Segundo Semedo, essa dificuldade se devia à presença de uma causa oculta que impedia a aplicação dos tratamentos adequados. Além disso, as queixas da paciente Maria Manoel foram interpretadas como exóticas, justamente por serem fora do alcance do conhecimento médico da época. A análise dos sintomas realizada pelo doutor enquadra-se em uma

avaliação de base galênica, pois, nessa teoria, as doenças – incluindo as de origem mental – eram, em sua maioria, atribuídas a causas corpóreas. Em outras palavras, o equilíbrio necessário para a saúde, ou a ausência dele, era associado aos processos relacionados aos intestinos, à bexiga, à pele e às veias (Lindemann, 2002, p. 17). O cérebro não está isento de ser considerado um dos responsáveis por distúrbios mentais; no entanto, ele não é o único órgão envolvido. Como será demonstrado adiante, outros órgãos também desempenham um papel significativo.

Este fator torna-se importante para o diagnóstico de uma possível doença envolvendo a mente, uma vez que, no início do período moderno, as doenças que hoje são compreendidas com mais clareza como psicológicas não eram vistas de forma tão distintas de um machucado ou mesmo de um ferimento cutâneo. Em outras palavras, as causas podem variar desde “uma cabeça partida”, “uma doença prolongada”, “um desgosto de amor” até “todos os excessos amorosos, como ciúme, ódio e raiva” (Lindemann, 2002, p. 32).

Além disso, qualquer comportamento que não estivesse em conformidade com os padrões da época poderia ser interpretado como um excesso de loucura (Lindemann, 2002, p. 31). Tais comportamentos estavam associados aos movimentos corporais e até mesmo às deficiências físicas que eram malvistas pela sociedade, sendo consideradas algo incomum e, por isso, características da loucura. Como Mary Lindemann aponta, a loucura manifestava-se na face, nos olhos revirados e desfocados, nas expressões retorcidas, nos olhares vazios, nos safanões e nas contorções. Uma forma de andar diferente ou incomum, movimentos corporais estranhos ou obsessivos, e até mesmo ações como freneticamente espremer ou lavar as mãos podiam ser interpretadas como distúrbio mental. Além dos gestos, as atitudes em relação às outras pessoas também eram vistas como sinais de loucura. Comportamentos como maltratar a si mesmo ou aos outros (especialmente as crianças), andar nu, zombar de autoridades, não realizar nenhuma atividade ou dar suspiros eram evidências de que algo não estava bem (p. 31-33).

Portanto, há uma variedade de características, como as apresentadas acima, para classificar um indivíduo mentalmente instável. Na análise dos tratados médicos selecionados para o artigo, é possível identificar essas e outras especificidades que poderiam afetar o juízo de um indivíduo, perturbando sua saúde mental. Um exemplo disso são as situações externas, ou seja, acontecimentos cotidianos que podem afetar a sanidade desses sujeitos, deixando-os fracos, febris e suscetíveis a outros achaques. Em relação aos diagnósticos, pode-se dizer que esses estavam de acordo com a teoria da qual o médico era partidário, a galênica. Já as curas assumem uma pluralidade, pois, como poderá ser observado ao longo do trabalho, o médico utilizou todos os dispositivos para a interpretação e amenização das doenças que abalavam a mente dos indivíduos.

## Cérebro fraco e ferido

Como mencionado, as noções de doenças psíquicas também faziam parte do rol de enfermidades que poderiam ser “curadas” como se se tratasse de um ferimento, visto que um machucado cutâneo na cabeça já poderia, de acordo com Semedo e com sua época, sinalizar um desvio. A depender do nível de enfermidade, as terapêuticas envolviam associações de remédios químicos e galênicos, pois se acreditava que assim haveria mais possibilidades de cura. No tratado *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) encontra-se, por exemplo,

o passo a passo para a preparação de remédios destinados a quem possui cérebro ferido ou cérebro fraco, uma terapêutica à base de trigo, azeites, ervas e substâncias fecais de animais (âmbar-gris). Essa fórmula era indicada para pessoas diagnosticadas com “problemas mentais”, referenciadas pelo médico como indivíduos que possuíam fatuidades no cérebro.

Para curar o cérebro ferido, Semedo indicava os seguintes remédios: “tomar de azeite velhíssimo, três onças de terebintina pura, duas onças de raiz de cardo santo e de valeriana, de cada coisa desta uma onça, de trigo inteiro onça e meia, de hipericão duas onças” (Semedo, 1720, p. 163). Sabe-se hoje, por meio do conhecimento científico fitoterápico, que as ervas utilizadas por Semedo são conhecidas por seus ativos calmantes, com propriedades sedativas, como no caso da valeriana. Já a planta hipericão, popularmente chamada de erva-de-são-joão, é conhecida por ter propriedades antibacterianas, antifúngicas, antioxidantes, bem como propriedades que aliviam quadros depressivos, sendo usada contemporaneamente para a fabricação de remédios antidepressivos (Viana, Nascimento, Miranda Júnior, 2021, p. 3).

Enfatizo as propriedades das plantas utilizadas pelo médico, pois suas virtudes estavam relacionadas aos diagnósticos que se faziam das doenças mentais. A partir do momento em que esses transtornos estavam associados a achaques físicos, como uma indigestão ou uma febre prolongada, é possível notar a prescrição de terapêuticas que tinham na sua composição componentes com ação anti-inflamatória, cujo objetivo era desinflamar o organismo como um todo. Curvo Semedo dá continuidade ao caso, ensinando um remédio com vinho, óleo, terebintina e complementando com as propriedades do bálsamo:

Pisadas estas coisas grossamente, se metam em um vidro, e se infundam por doze horas em quartilho e meio de bom vinho branco; ao depois se lhe ajunte o óleo, e o trigo em grão, e se coza até se gastar o vinho, coe-se, e a coadura se ajunta a terebintina, e incenso, e outra vez ferva pouco. É um remédio muito louvado para sarar brevemente as feridas do cérebro: o balsamo oriental serve para o mesmo, e na falta dele suprirá o artificial, que se prepara da maneira seguinte. Tomar de terebintina clara duas libras, de resina de pinho três onças, de incenso, myrra e almecega da Índia, de cada coisa destas duas onças, de goma Elemi duas onças; destile-se (Semedo, 1720, p. 163).

Na terapia para o “cérebro fraco”, o médico destaca-se pelo uso do âmbar-gris, que deve ser ingerido em jejum acompanhado de algum alimento, como “caldo de perdiz, ou de galinha, ou em uma gema de ovo fresco brandamente assada” (Semedo, 1720, p. 163). Segundo o médico, o âmbar-gris possui propriedades suficientes para fortalecer a cabeça daqueles com “cérebro fraco”, ressaltando que o melhor é o de cor acinzentada. Ele alerta que “o de cor negra, como betume tem menos virtude por ser vomitado das baleias, que comem algumas vezes tanto que as enjoas, e vomitam, e por ter estado no bucho daquele peixe tem perdido grande parte da virtude” (Semedo, 1720, p. 163).

O âmbar-gris, muito louvado por Semedo, é um produto encontrado exclusivamente no sistema digestivo das baleias cachalotes, diferenciando-se por, algumas vezes, ser encontrado em estado sólido no mar, encalhado na praia ou dentro do próprio animal. Ele pode ser utilizado na culinária, na farmácia e, principalmente, na perfumaria, para fornecer maior durabilidade às fragrâncias (Silva, 2012, p. 32).

João Curvo redigiu mais algumas páginas para falar dos espasmos que eram associados às feridas da cabeça. Para curá-los, o médico preparava um composto farmacêutico com óleo de caracóis, de minhoca, de gergelim, gordura de carneiro capado, de raposa, espírito de vinho, óleo de macela galega, de linhaça galega e óleo de alambre em forma de unguento. Todas essas receitas, desde que aplicadas da maneira que está no tratado, Curvo Semedo afirmava serem positiva para os espasmos que são causados pelo ferimento da cabeça. No decorrer do texto, o médico destaca que não só os espasmos, mas as convulsões também seriam tratadas desde que o indivíduo tomasse:

castóreo, pimenta branca, e sal, de cada coisa destas partes iguais, pisem-se juntamente, e se dê em jejum uma colher com outra de mel e água quente em dois copos. Untar o espinhaço e região do umbigo e as mais partes afeitas com óleo ou espírito de terebintina, assim por dentro, como por fora aplicado, cura todas as convulsões e espasmos. De óleo de lírio e de minhocas, tomareis duas onças de cada um, de pó de castóreo duas oitavas e meia, misture-se e feita com ele uma forte esfregação, cessaram as confusões por modo de milagre (Semedo, 1720, p. 230).

Com intuito de atestar que suas preparações à base de óleos de origem animal, pós, algumas plantas medicinais e substâncias químicas funcionavam, o médico, ao final desse trecho, destaca que o banho do cozimento da planta artemísia, juntamente com salva (sálvia-comum), macela-galega, amêndoas doces e raízes de malvaíscos ajudou de forma milagrosa as convulsões da filha de Luis Cotrim, morador da rua S. Bento. (Semedo, 1720, p. 231). Mesmo que as plantas utilizadas por Semedo possuísem efeitos calmantes (caso da artemísia) e que pudessem de fato aliviar sintomas de doenças ligadas aos nervos, nota-se que o médico sempre se refere à melhoria dos seus pacientes de forma milagrosa, ilustrando que os efeitos do seu remédio não estão dissociados de algo divino/espiritual.

## Sonhos e pesadelos: uma patologia perigosa

Ao analisar os trechos de Curvo Semedo, nota-se que, quando se trata de algo mais abstrato, isto é, envolvendo a psique, o médico busca enfatizar que a doença não deve ser desprezada e que, assim como as demais afecções, deve ser tratada, tendo como remédio a ministração de sangrias, purgantes e os ocultos, como diz Curvo Semedo ao referir-se às práticas envolvendo misticismo. Ainda na obra *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720), o autor aborda o pesadelo (ou incubo), uma afecção que pode atingir o indivíduo por meio dos seus sonhos e que, se não tratada, leva-o à morte. A respeito dos pesadelos, o médico escreveu:

Pesadelo a que os doutores chamam incubo é aquela doença ou acidente que sempre sucede estando a pessoa dormindo: sentem, pois, as tais pessoas sobre si um peso, ou carga que os aperta de tal forte que os afogam e os não deixam falar, nem pedir que lhes acudam e tem sucedido que muitos oprimidos com pesadelos morrem repentinamente, por esta razão se não deve desprezar esta doença; antes lhe devem acudir com grande cuidado, porque se os tais pesadelos repetirem a miúdo, infalivelmente degeneram em gota coral ou em apoplexia, como a experiência o tem mostrado nos que se queixavam de ter muitas vezes o pesadelo, porque os achavam mortos (Semedo, 1720, p. 523).

Para o tratamento dessa enfermidade, o médico indicava sangrias nos pés e purgação duas vezes a cada mês, juntamente com doses do extrato de alcaeste, um remédio manipulado pelo próprio doutor, que fazia parte dos seus segredos curvianos.<sup>4</sup> Para evitar a venda de falsificações de seus medicamentos, um fato muito comum na época (Lourenço, 2016, p. 82), o médico alertava que os pontos de venda seriam apenas em sua casa e na de seu filho, a quem ele ensinou a preparar seus remédios secretos. Além dos medicamentos citados, o médico recomendava um tratamento de seis dias, alternando entre “o cozimento de oréganos, a infusão de agárico trociscado fresco, meia oitava de heléboro negro, uma pílula feita com azevre fuccotrino, raiz de pirethro misturada com mel novo, pó de peônia-macho” ou “trazer no pescoço uma pequena de unha verdadeira do grão-besta”, pois seriam “remédios de virtude oculta” (Semedo, 1720, p. 523).

No que se refere ao sonho como patologia, o médico não se preocupava em explicar sua origem ou os motivos pelos quais era considerado uma doença. Entretanto, alertava sobre a enfermidade e apresentava receitas para curar as crianças que sofriam desse mal, pois essas também estavam sujeitas a sonhos, principalmente os ruins. Baseado em suas experiências, na *Polyanthea medicinal* (1697), Semedo destacava que algumas crianças poderiam morrer se não fossem tratadas de forma rápida, pois os sonhos deixavam-nas “espavoridas e sobressaltadas” (Semedo, 1720, p. 608).

Para elas, ele recomendava uma almofada de pele de burro, “porque tem este animal certa semelhança ou parentesco na virtude com o grão-besta”, canela-da-índia ou do maranhão e defumar as crianças com semente de “antherino”, ou colocar nos seus pescoços “uma coleira do mesmo antherino”. Tão grande eram os efeitos desses medicamentos que Semedo dizia “é remédios que parece Deus” (Semedo, 1720, p. 608). As curas populares, expressas por meio de ervas, amuletos e pelo uso de animais, representam para Semedo possibilidades de elaboração de novos remédios, o que evidencia seu compromisso com a busca pelas melhores alternativas de tratamento e a incorporação da farmácia popular e de outras práticas médicas em seus tratados.

No tópico “Sonhos medonhos se curam com os seguintes remédios” de sua obra *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720), o médico descreveu detalhadamente essa patologia, considerada por ele muito perigosa. As pessoas que sofriam o ataque de um íncubo podiam ter visões de espectros, além de sonhos tristes e medonhos. O autor cita os casos de Gonçalo Mendes de Brito e Manoel Coutinho Durão, os quais sofriam de pesadelos noturnos, chegando ao delírio. Para este caso, de delírios e pesadelos noturnos, o médico prescreveu “um fio de alambres brancos” e antes de dormir, beber “vinte fêveras de açafreão, misturada com duas colheres de água de cerejas negras, ou de lírio covallium” (Semedo, 1720, p. 607).

Essa mesma receita, afirmava Semedo, ajudou uma moradora da rua Nova, que temia ficar louca, pois sofria de pesadelos e visões de espectros/coisas medonhas. O médico aconselhou os que tinham tal doença a buscarem ajuda, pois essa é uma “enfermidade capaz de matar repentinamente aos que são sujeitos a essa doença e por esta razão devemos acudir com grande cuidado” (Semedo, 1720, p. 607). Dessa forma, Semedo recomenda aos enfermos que tomem pílulas de “hiera” em quatro ou cinco dias alternados, juntamente com suas pílulas “Curvianas Alviducas”.

4 Os segredos curvianos são assim chamados porque são remédios cujas fórmulas não eram reveladas ao público. O médico em questão obteve bastante fama com seus remédios secretos, principalmente com o be-zoártico, a água lusitana e os trociscos de Fioravante. Vale ressaltar que esses medicamentos foram de grande aceitação em Portugal e o médico João Curvo Semedo não foi o único a produzi-los.

Em um único trecho, Semedo receita seus remédios de segredo, cuja composição inclui elementos químicos como o antimônio, calomelano, vitríolo, tártaro emético e o antimônio em forma de pó de quintílio (Wissenbach, 2002, p. 129), sem deixar de elogiar os benefícios do açafreão, da cereja e da erva-cidreira para evitar e curar os tais sonhos (Semedo, 1720, p. 607), evidenciando o “hibridismo cultural” na medicina portuguesa durante os séculos XVII e XVIII (Ginzburg, 1991, p. 9-37).

## Imaginação, mania e melancolia hipocondríaca

Nos escritos de Semedo, a melancolia se manifesta primeiro no comportamento, cujas características foram observadas em Manoel Gonçalves Rey, morador do Corpo Santo. O médico relata que o homem se recusava a falar com as pessoas, a sair e a ver a claridade, preferindo lugares escuros onde pudesse ficar sozinho, uma característica típica de quem apresenta melancolia, como consta nos tratados médicos. Ao notar a interferência do temperamento na qualidade de vida de Manoel, Semedo busca o melhor tratamento para aliviar a enfermidade. Nesse caso, o médico ministrou o tratamento por cinquenta dias consecutivos, tendo como ingredientes “um quartilho de caldo de frangão cozido com raízes de borragem e de chicória” junto de “vinte grãos de pó de ouro virgem”, isto é, ouro puro sem conter traços de outros metais, “e uns soros medicados” (Semedo, 1720, p. 424). As propriedades do ouro relacionadas à cura da melancolia também são abordadas nos escritos do filósofo italiano Marsílio Ficino (1433-1499). Ficino acreditava que essa substância possuía propriedades mágicas e poderia promover um aclaramento nos melancólicos (Carvalho, 2019, p. 335).

O médico dissertou a respeito de feridas típicas dos melancólicos, as quais precisavam ser tratadas com águas quentes, sanguessugas nas veias, finalizando com purgas para extrair o sangue dos enfermos e, com isso, os humores corrosivos. Para o tratamento ser mais eficaz, o médico aconselhava que, numa dosagem de oito em oito dias, se tomasse xarope feito à base de “camoesas misturado com caldo de frangão, folhas de sene e epitimo” (Semedo, 1720, p. 424).

A pluralidade de métodos terapêuticos, com o uso recorrente de algumas substâncias, é uma característica marcante que permeia suas páginas. Essa abordagem pode ser vista como sua principal marca distintiva, além de refletir as transformações na prática médica do período, amplamente discutidas na historiografia. Em seu tratado *Polyanthea medicinal* (1697), Semedo destacou a eficácia dos vômitos em diversos tratamentos, seguindo a prescrição de médicos antigos frequentemente citados ao longo da obra, para reforçar a recomendação do uso de purgativos nos cuidados médicos:

Avicena afirma que nos soluços causados de enchimento do estomago, tem vomito grande propriedade. Celso diz que assim é convenientíssimo em todas as doenças que procedem de cólera, e aos doutos, e aos epiléticos. João Langio diz que nenhuma coisa preserva melhor aos homens das doenças, e lhes faz ter boa saúde, como é vomitar duas vezes cada mês. Monardez antepõem os vomitórios a todos os remédios do mundo para curar a melancolia hipocondríaca (Semedo, 1697, p. 5).

Observa-se que cada médico prescreveu o vômito para uma doença diferente, o que nos leva ao tópico que nos interessa nesta pesquisa: sua utilização para a cura da melancolia hipocondríaca. Isso ocorre porque, segundo os preceitos galênicos, a melancolia também poderia advir da região estomacal; logo, os procedimentos para a sua cura envolviam remédios que, de algum modo, poderiam “limpar” o corpo, fazendo com que a doença fosse expelida. A associação da melancolia com regiões do estômago, abdome e baço, e não exclusivamente com o cérebro é algo muito comum no período moderno (Lindemann, 2002, p. 18), o que ratifica o uso de vomitórios.

A ideia de purgar os humores melancólicos está presente em todos os trechos relacionados à enfermidade. O médico observou que as palpitações do coração eram muito comuns entre os melancólicos, sendo, portanto, considerado um dos sintomas da condição. Ele explica que “as causas que procedem as palpitações do coração são diferentes e pedem diferentes remédios, umas vezes procedem de flatos reteados no pericárdio” e, em outras, são identificados “em alguns melancólicos” (Semedo, 1720, p. 485).

No segundo tópico, o médico destacou as principais soluções e a forma correta de administração para aliviar os sintomas das palpitações, o que, por sua vez, contribuiu para mitigar a melancolia. Para tratar as palpitações decorrentes dessa condição, Semedo recomenda purgar o paciente “cinco vezes em dias alternados com remédios que evacuam os humores melancólicos”. Entre os remédios indicados estavam plantas medicinais como sene, epitimo e heléboro negro, todas preparadas em infusão com um “quartilho de soro de leite” (Semedo, 1720, p. 485).

Na preparação de Semedo, há dois ingredientes que destacam as concepções sobre a origem da melancolia e como ela deveria ser tratada. O sene é uma planta com ação laxativa, amplamente utilizada para provocar purgações. Já o heléboro negro é uma planta medicinal frequentemente citada em textos antigos, como nos tratados de Hipócrates, na *História natural* de Plínio, o Velho, e em Dioscórides, sendo conhecido por sua indicação no tratamento de distúrbios mentais. Embora os enfermos apresentem sintomas como tristeza aguda e apatia, a melancolia, nesse contexto, não é vista como proveniente da mente, nem se assemelha às características descritas por Freud e seus contemporâneos, mas é associada a distúrbios intestinais.

Apesar de os vômitos serem prescritos desde a Antiguidade, o médico português acrescentou o antimônio, uma substância química, para induzi-los de maneira mais eficaz, numa clara tentativa de conciliar terapêuticas. Em uma passagem dedicada às propriedades das substâncias químicas na medicina, Curvo Semedo escreveu que os hipocondríacos e melancólicos têm maior probabilidade de recusa dos vômitos, pois estão saturados de humores azedos. Nesse contexto, o médico aponta esse azedume como o principal fator de eliminação das purgas e dos medicamentos catárticos (Semedo, 1679, p. 695). No entanto, quando essa recusa ocorre, quais são as exceções que o médico recomenda? Com base em sua experiência profissional, Semedo prescreveu os seguintes remédios:

Se deitarem meia onça de óleo de vitriolo, ou de enxofre, ou de qualquer outro espirito azedo, sobre vinte grãos de pós do quintilio e o deixarem estar em infusão três ou quatro dias, acharão que os tais pós obram pouquíssimo, porque o tal purgativo do antimônio ficou retuso e quebrantado com ácido vitriólico, ou sulphureo: logo se uma purga tão eficaz, como são os pós de quintilio, se retunde, e fixa tanto com o azedo do vitriolo, não será fora da razão entender que o azedo da melancolia pode rebater o tal purgativo catártico

e que por esta causa obram tão mal as purgas nos melancólicos, nos quartanários e nos hipocondríacos (Semedo, 1679, p. 695).

Além da melancolia, a imaginação e a mania são temas identificados nas páginas do tratado *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720). Para o autor, os três sintomas estão essencialmente interligados e, por isso, têm as mesmas formas de tratamento. Para Semedo, a imaginação e a mania eram doenças distintas, mas interligadas à melancolia. Ou seja, o melancólico poderia sofrer de imaginação e mania, mas quem apresentava imaginação e mania não era necessariamente melancólico. Para estabelecer essa distinção, cito dois trechos nos quais o médico evidencia tanto a mania quanto o efeito pernicioso da imaginação. A respeito da mania, Semedo destacou que ela é acompanhada por movimentos nervosos, que podem levar o indivíduo a apresentar movimentos frenéticos, tornando-o agitado, furioso e com dificuldade de dormir (Semedo, 1720, p. 420).

De todas as enfermidades mencionadas, a mania é a única que afeta tanto a qualidade de vida do enfermo, pois ele não consegue dormir nem realizar nenhuma atividade devido à agitação, quanto a dos que estão ao seu redor, já que o maníaco apresenta picos de agressividade. Essas são características relatadas pelo médico a respeito de uma mulher que, estando com o juízo perturbado e a oito dias e noites em frenesia e furiosa, sentiu o desejo de matar alguém com as próprias mãos (Semedo, 1697, p. 91).

Com relação ao poder da imaginação, o médico relata duas histórias em sua *Polyanthea medicinal* (1697). A primeira diz respeito a um garoto de 9 anos levado do Brasil para Portugal. Durante a viagem, a criança começou a sofrer de “faltos” e tremores que o “levantavam no ar”. Ao investigar os motivos desses sintomas, descobriu-se que o menino estava afetado pela imaginação, provocada pelo medo gerado pelos marujos, que contaram “que vinha para Portugal para o comer seu senhor”. O segundo exemplo refere-se a um jovem de Viana que foi a Portugal para trabalhar como caixeiro na residência de Lourenço Genori, morador da Cruz de Cataquesaras. No caminho para a casa desse homem, disseram ao rapaz que “seu amo comera alguns meninos”, o que rapidamente despertou medo e apreensão no jovem, fazendo com que ele perdesse a vontade de comer e a capacidade de falar (Semedo, 1697, p. 98). Em relação aos comentários do médico sobre os “maníacos” e os “imaginativos”, o primeiro refere-se, em princípio, a um descontrole dos nervos, enquanto o segundo decorre de algum episódio traumático que provoca medo e horror, causando uma impressão errada das coisas. Dessa forma, o trauma torna-se o eixo central da instabilidade mental no segundo caso, como demonstrado nas histórias dos dois meninos.

Em sua obra *Atalaya da vida* (1720), Semedo indica um remédio composto por água rosada, láudano opiado, pó de açafraão e partes de animais cozidos, como o cérebro de cão e a cabeça de carneiro, destinado a curar aqueles que sofrem de imaginação excessiva e mania (Semedo, 1720, p. 420). Mais adiante, o médico aponta os três principais remédios para tratar os sintomas mencionados: banhos de água morna, sanguessugas e soro de leite de cabra. Em relação à preparação dos remédios, Semedo alerta os médicos iniciantes, destacando a importância da combinação dos soros de leite com outros ingredientes para potencializar o efeito do remédio:

Devem dar um purgativo em que deitem à noite de infusão duas oitavas de folhas de sene e uma de epithimo, ajuntando ao tal soro duas onças de xarope de camoezes. Destes soros

tenho grande experiência, alcançada no discurso de cinquenta e oito anos, assim para os melancólicos hipocondríacos como para os imaginativos e maníacos e também preservar de cancos (Semedo, 1720, p. 382).

A terapêutica de Semedo era tão plural quanto a prescrição de remédios, que podiam ser ingeridos ou aplicados de forma tópica. Há também amuletos descritos pelo médico, como as unhas ou as almofadas feitas de pele de burro, utilizados como forma de buscar o equilíbrio da saúde. Entretanto, para além das receitas fabricadas, o médico chamou a atenção dos leitores quando escreveu a respeito dos cuidados que devem ter os familiares e os doutores com os “maníacos” e “imaginativos”, afirmando que:

A primeira advertência que o médico deve ter para curar a algum imaginativo, ou maníaco, é não o querer levar por força ou (como dizem) pela valentona, nem persuadindo com rogos a que se deixe curar, porque a experiência tem mostrado que quanto mais rogam tanto mais se enfurecem: o verdadeiro modo é condescender com eles, falando-lhes à vontade e concordando em tudo e por tudo, mas de quando em quando insinuar-lhes que lhes dará uma água que brevemente os curará (Semedo, 1697, p. 98-99).

Pode-se perceber que Semedo nutre uma preocupação com o bem-estar do paciente e busca ouvi-lo para administrar melhor o tratamento. Portanto, o paciente não é totalmente passivo em relação aos medicamentos, e a atitude do médico denota um tratamento humanitário. O cuidado dedicado a essas pessoas também estava inserido em seu arsenal terapêutico para essas afecções que, por então eram estranhas e irresolúveis. Em outros momentos o médico apresentava possibilidades de tratamentos com base em suas experiências como profissional empírico, utilizando-se dos mais variados recursos que a natureza disponibilizava.

## Considerações finais

Manter uma boa saúde sempre foi uma preocupação dos médicos. Não é à toa que existem tratados que descrevem como um indivíduo pode levar uma vida mais saudável, prescrevendo remédios, exercícios, uma boa alimentação e indicando como um ambiente deve ser ou estar para que homens, mulheres e crianças possam desfrutar de boa saúde e de longevidade. A preocupação com o bem-estar social, evidentemente, está ligada à preocupação com a boa saúde mental. O excesso ou a falta de emoções também foram entendidos pelos médicos como um sinal de que algo não estava bem. Tristeza, medo, ira, mania, imaginação e melancolia chamam a atenção de Curvo Semedo, que, ao diagnosticar os indivíduos com tais sintomas, prescrevia terapêuticas correspondentes ao seu contexto histórico para tratá-los. O médico não se furtava de utilizar composições químicas, simpatias e remédios com partes de animais e humanos, na clara tentativa de curar os indivíduos.

Levando em conta o objetivo do artigo, de apontar as práticas de cura nos diagnósticos das afecções envolvendo a mente, percebe-se que, em um período em que não havia áreas que tratassem de forma específica tais doenças, os médicos licenciados tinham concepções sobre o que poderia levar um ser humano ao estado de loucura. Contudo, ao contrário de uma progressão linear, as concepções de loucura e seus diagnósticos permaneceram no período moderno

com um certo grau de incerteza e, em virtude das teorias – galênica e química – disponíveis, os diagnósticos e tratamentos foram alterados ou passaram a se integrar, como é apresentado nos trechos das publicações do médico português. Além disso, ressalto a importância de historicizar essas terapêuticas e refletir a respeito da medicina, cuja prática também é cultural.

## Referências bibliográficas

### Documentos

- SEMEDO, J. C. *Polyanthea medicinal*. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1697.
- SEMEDO, J. C. *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos*. Lisboa: Oficina de Antônio Pedrozo Galram. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1707.
- SEMEDO, J. C. *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte*. Lisboa Occidental: na Oficina Ferreyrenciana. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1720.

### Referências

- ALMEIDA, A. V. de. *Aspectos histórico do uso terapêutico de produtos e excreções humanas*. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012.
- ABREU, J. L. N. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 149-172, 2007.
- BARROSO, M. do S. João Curvo Semedo: em busca da química da vida. *Medicina na Beira Interior, da pré-história ao século XXI. Cadernos de Cultura*, n. 18, p. 53-57, nov. 2004.
- CARVALHO, C. A. S. O tratamento da melancolia em Ficino. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 28, n. 56, p. 297-354, 2019.
- DIAS, J. P. S. *Droguistas, boticários e segredistas: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa do Setecentos*. Tese (Doutorado em Farmácia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.
- EDLER, F. C. *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FREITAS, R. C. de. Curas químicas para males galênicos: plantas e minerais no tratamento de febres em João Curvo Semedo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 17, n. 1, p. 1-15, 2021.
- GINZBURG, C. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LINDEMANN, M. *Medicina e sociedade no início da Europa Moderna: novas abordagens da história europeia*. Lisboa: Replicação, 2002.
- LOURENÇO, T. S. *O médico entre a tradição e a inovação: João Curvo Semedo*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- PERINI, G. E. As principais descobertas científicas nos séculos XVII e XVIII. In: REZENDE, J. M. de; MORAES, V. A. de; PERINI, G. E. (orgs.). *Seara de Asclépio: uma visão diacrônica da medicina* [Recurso eletrônico]. Goiânia: Editora UFG, 2018. p. 155-172.
- PORTER, R. *História da medicina*. Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2008.

- PALMESI, L. *Saber e sabor: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- RODRIGUES, C. L. Humores e temperamentos: considerações sobre a teoria hipocrática. *Páginas de Filosofia*, v. 9, n. 2, p. 109-120, 2020.
- SANTA CLARA, C. J. da S. Melancolia: da Antiguidade à Modernidade. Uma breve análise histórica. *Revista Mental*, v. VII, n. 13, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v7n13/v7n13a07.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.
- SANTOS, G. S. dos. A arte de sangrar na Lisboa do Antigo Regime. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 43-60, 2005.
- SHAPIN, S. *The Scientific Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- SILVA FILHO, W. B. A trajetória da ipecacuanha na Europa: os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na Época Moderna. *Diálogos*, Maringá, v. 25, n. 2, p. 21-23, 2021.
- SILVA, C. A. P. *Perfume, história e design: papel das embalagens no mercado brasileiro de perfumaria*. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- VIANA, D. S.; NASCIMENTO, P. R. S. do; MIRANDA JUNIOR, R. N. C. Plantas medicinais com potencial uso na fitoterapia antidepressiva: uma revisão. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, p. 1-14, 2021.
- WISSENBACH, M. C. C. Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia. In: FERREIRA, L. G. *Erário mineral*. v. 1. Org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais/Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 107-149.

Recebido em 15/07/2024

Aceito em 22/11/2024